

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 04 – O alvo e o caminho do discipulado

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



O alvo e o caminho do discipulado

O discipulado é a peregrinação, a jornada de sermos transformados passo a passo para sermos cada vez mais parecidos com Jesus. Peterson já nos disse que “somos pessoas que passamos nossa vida conectados como aprendizes ao nosso Mestre, Jesus Cristo. Estamos sempre num relacionamento de crescimento-aprendizado”.¹ Logo, podemos afirmar com tranquilidade: o alvo, o objetivo do discipulado é nos tornarmos cada vez mais parecidos com Jesus em nosso pensar, nosso sentir e nosso agir.

Lembre-se da metáfora que o próprio Jesus ensinou a Nicodemos: ser redimido por Jesus é um novo nascimento, um nascimento do alto e do Espírito (João 3). A conversão é o novo nascimento e o discipulado é o crescimento nessa nova vida, por que afinal toda criança que nasce precisa crescer de maneira saudável. O discipulado é um esforço intencional de nutrir, estimular, aparar e estruturar essa nova vida de tal maneira que possamos crescer firmes e saudáveis. John Stott nos diz que “Ele [o Pai] quer que seus filhos cresçam cada vez mais em conhecimento e intimidade do Pai”.²

O Apóstolo Paulo nos lembra que é o desejo do Pai que todos crescamos e sejamos desenvolvidos até o ponto de alcançarmos a estatura do próprio Jesus (Ef 4.13). Em outro momento, Paulo declara: “Aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes a imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29 - NVI). Paulo diz que o alvo do discipulado é que sejamos mais e mais parecidos com Jesus, sejamos moldados a imagem do Filho, afirmando que Jesus é o molde, é o padrão do discipulado. Mas afinal, por que Jesus é o padrão do discipulado? Por que está no centro do coração do Eterno nos moldar a imagem do Filho?

Paulo está ecoando um tema muito importante aqui: o tema da *imago Dei*. O homem foi criado a imagem e semelhança do seu Criador (Gn 1.28-30), de tal maneira que o homem e mulher juntos espelhavam o Eterno. O texto de Gn 1.28-30 enfatiza que homem e mulher, macho e fêmea juntos, representavam a imagem do Criador. Este aspecto é muito importante, como destaca Hoekema: “antes de ver a imagem de Deus como uma referência a alguns aspectos da nossa natureza humana, a imagem de Deus é refletida em nossa relação com o outro e com Deus. Logo, mesmo sendo verdade que Deus nos deu a razão, alma, volição, e outras capacidades de nossa natureza, nenhuma destas constitui a imagem de Deus. Antes, é o uso destas capacidades em relação com Deus e os outros que reflete mais claramente o que significa ser criado a imagem de Deus”.³

No seu estado original, a humanidade representava de maneira autêntica e real a santidade, bondade, beleza, inteligência e poder do Criador não apenas no aspecto individual mas especialmente em suas relações, pois nessas relações mostrava como havia sido criado por um Deus relacional, comunitário, um Deus Família. O homem e a mulher juntos representavam a Deus de maneira íntegra, mas o pecado mudou tudo isso. Com a Queda, o homem passou a experimentar o mal e a vergonha em seu ser, de maneira que “por causa de sua queda no pecado, o homem em um dado sentido perdeu a imagem de Deus”.⁴ Em uma famosa passagem João Calvino afirma que “mesmo embora concedamos que a imagem de Deus não tenha sido totalmente aniquilada e destruída no homem, ela foi tão corrompida que, qualquer coisa que permaneça, é uma deformidade horrenda”.⁵

Além da quebra da imagem, houve a desconexão dos quatro relacionamentos perfeitos com os quais o homem foi criado: “houve uma [desconexão]⁶ em quatro aspectos da vida do ser humano. O homem se [desconectou] de Deus, dos seus semelhantes, da natureza e de si mesmo”.⁷

A imagem de Deus no homem havia sido manchada e distorcida, mas Paulo deixa claro que o Pai enviou seu Filho para morrer em nosso lugar na cruz do calvário a fim de levar sobre si os nossos pecados e abrir caminho para o perdão de Deus nos encontrar. Paulo chama isso de justificação: o Eterno nos fez justos, derramando da justiça de Jesus sobre nós (Rm 4) e conecta a justificação a santificação em Rm 8.28-30 – assim como faz em Ef 1.11,12 – para deixar claro que todo aquele que foi justificado recebe uma nova vida espiritual de maneira de desejar viver para Deus e servi-lo – santificação.

¹ PETERSON, Eugene. *Uma longa obediência na mesma direção*. Cultura Cristã, 2005, p.12

² STOTT, John. *Cristianismo Básico*. Viçosa: Ultimato, 2007, p.191

³ WARE, Bruce A. *Male and Female Complementarity and the Image of God – in JBMW 7/1, Louisville, (Spring 2002) p.15*

⁴ HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.10

⁵ Institutas, I, xv, p.4

⁶ No original, “alienação”.

⁷ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

Paulo define a santificação como o processo de sermos transformados a imagem do Filho! (Rm 8.28). Que coisa fantástica! O Espírito Santo que vive em nós, que é o Espírito de Jesus (At 16.7), nos molda dia a dia na semelhança de Cristo e gera em nós a imagem de Jesus, sendo que Jesus é na verdade “a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Cl 1.15). O próprio Senhor Jesus garantiu que quem o vê, vê o Pai (Jo 14.9). Isso quer dizer que exatamente agora toda a Trindade está agindo em nós, dançando de mãos dadas conosco no caminho do discipulado, restaurando a imagem de Deus em nós por meio da santificação do Espírito em nós.

Jesus é o padrão do discipulado pois ele é a revelação plena, máxima de Deus para nós. Ele é a imagem do Deus invisível, é nele que nos espelhamos, é Ele o padrão de nossa vida de santificação cujo alvo é restaurar a imagem de Deus em nós, seus filhos criados a sua imagem e semelhança. Mas afinal, isso não parece uma despersonalização de quem somos? Não seria esse ato contraditório com a graça que nos aceita livremente como somos?

C.S. Lewis dedicou trechos incríveis a este tema: “Seu ser verdadeiro, o novo ser (*que é de Cristo e também seu, e seu exatamente por que é dele*) não virá enquanto você esperar por ele. Virá quando você estiver esperando por Cristo. São estranho? O mesmo princípio funciona, você sabe, por mais coisas do dia-a-dia. Mesmo na vida social você jamais causará boa impressão diante de outras pessoas até que pare de pensar em que impressões está causando [...] O mesmo princípio corre através de toda a vida, de alto a baixo. Abra mão de si mesmo, e você encontrará seu verdadeiro eu. Perca a si mesmo e você se salvará”.⁸

Verdadeiro eu? Existe então um falso eu? Sim. O pensador cristão místico Thomas Merton trabalhou o conceito de “falso eu” em sua obra “A Experiência Interior”, mostrando que a desconexão do Eterno e a desconexão de si mesmo são realidades totalmente relacionadas.⁹ Isso quer dizer que a quebra de nosso relacionamento com o Eterno destruiu nossa relação conosco mesmos e trincou nosso senso de identidade. Buscamos a nós mesmos, saber quem somos e qual o nosso lugar no mundo. Ora, se buscamos a nós mesmos é por que estamos perdidos de nós mesmos. E quando nos perdemos de nós mesmos? No exato instante em que o homem se perdeu do seu Criador. O falso eu é construído a partir de respostas equivocadas a pergunta “quem sou eu”, é o eu que resulta do fato de tentarmos descobrir quem somos fora do relacionamento com o Criador que nos criou.

Os Guinness destaca que ser transformado a imagem de Jesus não é despersonalização, mas justamente o contrário: é a reversão da despersonalização do pecado,¹⁰ é reversão do “falso eu” que o pecado entalha em nós, um “eu” preocupado em agradar as pessoas, que busca aprovação social, se auto afirma, cultiva valores e critérios equivocados e ao final sequer sabe quem é. Novamente, Guinness cita Lewis: “Quanto mais tirarmos o que chamamos nós mesmos do caminho e permitirmos que ele tome conta, mais verdadeiramente nos tornamos nós mesmos”.¹¹

E como posso sair do caminho, tirar o “falso eu” do caminho e abrir alas para que Jesus nos transforme, me conectando a identidade que ele desejou que eu tivesse desde o princípio? Como consigo fazer esse movimento que aparentemente exige um malabarismo interior tão complexo e elaborado? John Stott escreve com uma singular beleza e simplicidade ao comentar o texto de Mc 8.35, no qual Jesus nos chama a tomar a nossa cruz e segui-lo: “Embora o versículo possa incluir uma referência ao martírio, eu agora vejo que Jesus tinha uma aplicação muito mais ampla em mente do que essa. A linguagem indica isso. A palavra traduzida por “*vida*”, *psyche*, quer dizer “alma” ou “eu” [...] Alguém poderia talvez parafrasear o epigrama favorito de Jesus, que ele parece ter usado em vários contextos diferentes, desta maneira: “Se você insistir em agarrar-se a si mesmo, e recusar abrir mão de si, e determinar viver por si mesmo você se perderá. Esse é o caminho da morte, não o caminho da vida. Mas, se você estiver disposto a perder-se, a entregar-se em amor ao serviço do evangelho, então, no momento de completo abandono, quando pensar que perdeu tudo, os milagres acontecerão, e você encontrará a si mesmo”.¹²

O discipulado é seguir a Jesus em sua vida, tomando a nossa cruz sobre nós mesmos como Jesus fez. Tomar a cruz implica em colocar-nos a serviço do Pai pelo bem do outro em disposição humilde de amor, é um ato de auto negação e não de auto afirmação. Enquanto a nossa geração instintivamente se auto afirma a fim de encontrar a si mesma, enfatizando seus direitos e privilégios, sua superioridade e uma pretensa identidade, o cristão segue o caminho contra intuitivo de esvaziar-se de si mesmo no caminho do discipulado, desiste de afirmar a si mesmo por que sabe que é e só poder ser afirmado pelo Pai, que nos afirma como filhos amados por meio de Jesus Cristo nosso salvador.

Resumindo: o Espírito Santo é o discipulador e o objetivo é que sejamos mais e mais semelhantes a Jesus em todas as coisas. Mas quais as ferramentas do discipulado? Bem, o discipulado é um caminho alinhado com o eixo da santificação, logo o Espírito Santo é o ator principal, mas nós devemos cooperar pois sabemos que quando se trata de salvação nós somos chamados para atuar como co-atores.¹³ As ferramentas são os meios de graça – Palavra, Sacramentos, Oração – que acessamos regularmente por meio das disciplinas espirituais. Quando nos submetemos ao Espírito e nos aplicamos nas disciplinas, o discipulado vai alcançando seu fim: nos fazer filhos obedientes como Jesus.

⁸ LEWIS, C.S. *Mere Christianity*. New York: McMillan, 1960, p.190

⁹ MERTON, Thomas. *A experiência interior*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.52

¹⁰ GUINNESS, Os. *O chamado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.33

¹¹ GUINNESS, Os. *O chamado*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.33

¹² STOTT, John. *A Bíblia toda o ano todo*. Viçosa: Ultimato, 2007, p.211

¹³ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.416,417